

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

GABRIELA MARIA DE SOUSA

A IMPORTÂNCIA SOCIOCULTURAL E AMBIENTAL DA CERÂMICA NO
MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM
VISITA NA ESCOLA DE OLEIROS JOAQUIM ANTÔNIO DE MEDEIROS

São José

2024

GABRIELA MARIA DE SOUSA

A IMPORTÂNCIA SOCIOCULTURAL E AMBIENTAL DA CERÂMICA NO
MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM
VISITA NA ESCOLA DE OLEIROS JOAQUIM ANTÔNIO DE MEDEIROS

Monografia apresentada a
Especialização em Educação
Ambiental com Ênfase na Formação
de Professores do Câmpus São José
do Instituto Federal de Santa Catarina
para a obtenção do diploma de
Especialista em Educação Ambiental

Orientadora: Sandra Albuquerque
Reis Fachinello
Coorientadora: Luciana Gelsleuchter
Lohn.

São José

2024

GABRIELA MARIA DE SOUSA

A IMPORTÂNCIA SOCIOCULTURAL E AMBIENTAL DA CERÂMICA NO
MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM
VISITA NA ESCOLA DE OLEIROS JOAQUIM ANTÔNIO DE MEDEIROS

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título em Especialista em Educação Ambiental, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, e aprovado na sua forma final pela comissão avaliadora abaixo indicada.

São José, 28 de agosto de 2024.

Prof^a. Dr^a. Sandra Albuquerque Reis Fachinello
Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Luciana Gelsleuchter Lohn
Coorientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Prof. Dr. Aluísio Gomes Lessa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Nunes Chaves
Universidade do Estado de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Glória e meu pai Elson, por todo apoio durante a minha formação, e principalmente durante a pós- graduação. O suporte, o apoio e o incentivo de vocês foram essenciais para a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

Ao meu noivo Gabriel, por ter sido meu maior apoio durante a pós -graduação, por ter compartilhado seus conhecimentos sobre o tema Educação Ambiental, pelas conversas, trocas e por compartilhar a vida comigo.

Às minhas orientadoras, professora Sandra e professora Luciana, por embarcarem nessa aventura comigo e por partilharem os seus conhecimentos comigo.

Ao professor Aluísio por aceitar fazer parte da banca avaliadora e tornar esse momento mais especial.

À professora Ana Paula, minha maior inspiração como docente, obrigada por fazer parte de mais uma etapa da minha formação acadêmica.

“Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.”
(KRENAK, 2019)

RESUMO

Esta pesquisa tem como propósito refletir sobre a potencialidade da Educação Ambiental em trabalhos que envolvam temas como cultura, sociedade, território, lugar e pertencimento. O objetivo dessa monografia passou pela contextualização da vinda de imigrantes açorianos para o Município de São José e refletiu sobre como a migração traz com as pessoas traços culturais e tradições, nesse caso a tradição da olaria foi a escolhida para protagonizar esta pesquisa. Para fundamentar essa pesquisa, utilizei dos conhecimentos de Marcos Reigota sobre Educação Ambiental como ferramenta política, social e emancipadora. Além disso, o conceito de Lugar foi de extrema importância para a confecção da parte teórica deste estudo e para isso um dos autores escolhidos foi o autor Yi-Fu Tuan, que traz a ideia de pertencimento, de sentimentos bons que oleiros possuem quando estão em uma olaria. Os conhecimentos fundamentados por esses autores foram imprescindíveis e resultaram na construção de uma sequência didática, com passos detalhados pensando na aplicação através de outros professores da Educação Básica, que conta com três etapas: a primeira é realizada em sala de aula e aborda os conteúdos da formação e a regionalização do território brasileiro, os imigrantes açorianos que vieram para cá e trouxeram junto a sua cultura, e a forma como a industrialização afetou as olarias, a partir de vídeos que mostram a confecção industrial de peças que substituíram as peças artesanais. A segunda etapa mostra o planejamento de uma saída de campo para a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros em São José/SC, com a finalidade de apresentar para os estudantes um local que vem mantendo acesa a tradição das olarias, e também, para dar visibilidade ao local. A última etapa da sequência didática orienta para uma roda de conversa com alguns questionamentos para os estudantes sobre as percepções dele acerca do que viram em sala de aula e o que puderam analisar na saída de campo. Para finalizar a sequência didática a sugestão é apresentar as reflexões e produções dos estudantes na mostra pedagógica da escola. Os resultados obtidos após essa pesquisa foram de que a cultura imaterial e Educação Ambiental somam força quando trabalhadas de forma interdisciplinar, na sequência didática. Ao fim da pesquisa também foi possível perceber a importância das práticas educativas para a valorização dos aspectos de uma cultura.

Palavras-Chave: Ollaria. Cultura. Educação Ambiental. Sequência didática. Lugar.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the potential of Environmental Education in projects that involve themes such as culture, society, territory, place, and belonging. The objective of this thesis involved contextualizing the arrival of Azorean immigrants to the Municipality of São José and reflecting on how migration brings cultural traits and traditions with people. In this case, the tradition of pottery was chosen to be the focus of this research. To underpin this research, I utilized Marcos Reigota's knowledge on Environmental Education as a political, social, and emancipatory tool. Furthermore, the concept of place was of utmost importance for the theoretical framework of this study. And for this purpose one of the authors chosen was Yi-Fu Tuan he, brings the idea of belonging, of good feelings that potters have when they are in a pottery. The knowledge provided by these authors was crucial and resulted in the development of a didactic sequence, with detailed steps intended for application by other Basic Education teachers. This sequence includes three stages: the first is conducted in the classroom and covers content related to formation and regionalization of the Brazilian territory, the Azorean immigrants who came here and brought their culture, and how industrialization affected pottery workshops, using videos that show the industrial production of items that replaced handcrafted pieces. The second stage involves planning a field trip to the Joaquim Antônio de Medeiros Pottery School in São José/SC, with the goal of presenting students with a place that has maintained the tradition of pottery, as well as giving visibility to the location. The final stage of the didactic sequence involves a discussion session with some questions for students about their perceptions of what they saw in the classroom and what they could analyze during the field trip. To conclude the didactic sequence, it is suggested to present the students' reflections and productions at the school's pedagogical showcase. The results obtained after this research were that intangible culture and Environmental Education add strength when worked in an interdisciplinary way, in the didactic sequence. At the end of the research, it was also possible to perceive the importance of educational practices for valuing aspects of a culture.

Keywords: Pottery. Culture. Environmental Education. Didactic sequence. Place.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa do documentário Tatá - O Oleiro	11
Figura 2 - Oleiros de São José vendendo suas cerâmicas em Florianópolis.....	18
Figura 3 - Linha temporal das olarias de São José entre os anos 1903 e 1941.....	20
Figura 4 - Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros	23
Quadro 1 - Cronograma da Sequência Didática	29
Figura 5 - Rotas de chegada dos Açorianos em Santa Catarina e principais colonizações do século XVII.....	31
Figura 6 - Diferentes colonizações do Estado de Santa Catarina e redutos portugueses, incluindo São José	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EA	Educação Ambiental
BADESC	Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EF07GE02	Habilidade 2 do 7° ano do Ensino Fundamental em Geografia
EF07GE04	Habilidade 4 do 7° ano do Ensino Fundamental de Geografia
EF07GE08	Habilidade 8 do 7° ano do Ensino Fundamental em Geografia
SC	Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivos	14
1.1.1	Objetivo geral	14
1.1.2	Objetivo específico	15
2	DESENVOLVIMENTO	16
2.1	Valorização da arte das olarias açorianas em São José	18
2.2	Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros	22
3	METODOLOGIA	25
4	CONSTRUÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DA CERÂMICA ARTESANAL EM SÃO JOSÉ/SC	27
4.1	Componentes da metodologia da sequência didática: Educação Ambiental e olaria como oportunidade de prática educacional	28
4.2	Trilhando as rotas da cultura açoriana e das olarias, com enfoque na Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros	30
5	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

A temática desta pesquisa é sobre a contribuição das olarias para a Educação Ambiental (EA) e para a cultura local em São José, mais especificamente nas ações da Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros. A motivação para escrever sobre essa temática surgiu ainda durante a minha graduação em Geografia, na disciplina de Geografia Cultural, através um curta-metragem de 28 minutos, exibido no dia 10 de fevereiro de 2021 no cineclube da Fundação Cultural da Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina (BADESC). O curta-metragem mostra sobre olarias e cerâmica artesanal do município de São José, foi produzido e dirigido por Elisa Schmidt e chama-se Tatá - O Oleiro (Figura 1).

Figura 1- Capa do documentário Tatá - O Oleiro



Fonte: Fundação Cultural BADESC, 2021.

O documentário conta a trajetória de Eliatar Silva (Tatá) com a olaria. O início da história dele foi ainda na infância, quando tinha apenas seis anos, no bairro Barreiros, em São José/SC, com o seu vizinho cuja profissão era de oleiro. Atualmente, depois de trabalhar mais 35 anos em oficina de oleiro com cerâmica artesanal, Tatá tem uma loja no largo da alfândega no centro da cidade de

Florianópolis, e emprega mais quatro oleiros, Leonardo, Mauro, Ivanir (Vanio) e Rosalino.

Para fundamentar esta pesquisa foram utilizados os escritos dos autores Pedro Aguiar Stropasolas e Flávia Garcia Guidotti (2016), Tatiane Cristina da Silva (2016), Maria Aparecida de Lima (1998) que refletem em suas obras sobre as olarias em São José/SC, o valor cultural das peças artesanais e da cultura açoriana. Além disso, a pesquisa relaciona os conhecimentos da Educação Ambiental (EA), na ótica do autor Marcos Reigota (2014), e do conceito de Lugar e pertencimento, descrito pelo autor Yi-Fu Tuan (1974).

As contribuições desses autores foram base para construir a proposta dessa pesquisa, que contou com uma sequência didática voltada para a temática da Educação Ambiental (Reigota, 2014) e que trabalha temas da Geografia, articulados com a cultura açoriana do município de São José. A sequência didática propõe a abordagem da formação do território brasileiro, da vinda dos açorianos e da sua cultura até as contribuições da Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros e finaliza com uma prática na olaria com os estudantes.

A partir disso, a problemática discutida nesta pesquisa é o contínuo desaparecimento da prática açoriana, cultural, tradicional e artesanal com o barro no município de São José, conforme o passar das gerações. A industrialização da fabricação da cerâmica fez com que a população trocasse o consumo das peças artesanais para as peças industrializadas, que agora são produzidas em grande escala. Além disso, nas últimas décadas a cerâmica artesanal foi dando lugar a produtos de outros materiais, como o vidro, o plástico e o alumínio, fazendo com que o mercado competitivo desses utensílios fosse injusto com a cerâmica artesanal (SÁ, 2021).

Mesmo com a diminuição das olarias nos bairros de São José, alguns oleiros tradicionais ainda persistem, é o caso do oleiro Moacir de Souza¹, que dá continuidade na habilidade aprendida com o seu pai. Moacir afirma que ainda persiste na profissão de oleiro como sua forma de sustento, mesmo que esteja cada vez mais difícil se manter com a profissão que vem sendo extremamente desvalorizada. Na contramão do desaparecimento de olarias nos bairros de São

¹ Disponível em:

<https://ndmais.com.br/cultura/eu-vou-insistir-afirma-ultimo-oleiro-tradicional-da-ponta-de-baixo-em-sao-jose/>. Acesso em: 09 de julho de 2024.

José, está a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros e por conta disso, a pesquisa tem como intenção responder como a prática educativa relacionada com a Educação Ambiental pode articular conhecimentos e práticas que reflitam e valorizem a cultura que fez parte da formação de São José e dos municípios ao entorno e a proposição de uma sequência didática flexível para o Ensino Fundamental II, na Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros.

A motivação para escrever sobre este tema, surgiu ainda na graduação, em uma disciplina intitulada Geografia Cultural. A professora que ministrava a disciplina, solicitou que durante o semestre escrevêssemos sobre algo do nosso interesse, transformando em um projeto, no qual deveríamos propor uma prática com os nossos futuros estudantes. O tema de olaria foi escolhido pois desde sempre que eu passava pela rua do Centro Histórico de São José e seguia rumo ao bairro Ponta de Baixo, em frente a Orionópolis Catarinense, via a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros e outras placas de olarias espalhadas pela cidade, o que me causava uma profunda curiosidade pela história por trás dos oleiros e de suas olarias.

Já na Especialização de Educação Ambiental com ênfase na formação de professores, do Instituto Federal de Educação de São José, pude dar continuidade nos estudos de dois temas com que tenho afinidade: Educação Ambiental e as Olarias. O ímpeto de juntar os temas de EA e a cultura açoriana de São José se deu durante as aulas da especialização em que os professores comentavam sobre as vertentes de Educação Ambiental que existem e sempre houve uma afinidade com a vertente do autor Marcos Reigota, desde a graduação, que defende que a Educação Ambiental está em tudo e por isso também estaria nas olarias do município, ainda mais pensando em todo impacto ambiental que está por trás da produção industrial dos artefatos que antes eram feitos de forma artesanal nas olarias.

Além disso, a Política Nacional de Educação Ambiental (1999) em seu artigo 13- A, parágrafo 2, assegura “fomento à conservação e ao uso de espaços públicos urbanos por meio de atividades culturais e de educação ambiental”, através da Lei nº 14.393 de 2022, que garante a valorização de espaços como a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros para fazer Educação Ambiental articulada com a Cultura local.

Atualmente a prática da cerâmica artesanal não é mais vista na mesma intensidade que no século passado como forma de sustento das famílias, como foi durante um grande período. Por conta disso, esta pesquisa é a tentativa de uma

sensibilização acerca dessa cultura que vem desaparecendo com o passar das gerações, de forma que as crianças conheçam e experienciem algo que foi muito importante para gerações passadas das suas famílias e representa laços que unem culturalmente a região. Ainda assim, essa prática resiste no município de São José e em outros municípios de Santa Catarina, em locais como a escola de oleiros e algumas poucas olarias remanescentes, mesmo que com menos intensidade e quantidade.

A concepção de Educação Ambiental desta pesquisa vai ao encontro com a ideia de tema transversal da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), em que a EA perpassa por todos os âmbitos sociais, como a escola, a política, as diferentes culturas e nas demais manifestações da população. Entretanto, vale ressaltar que é desafiador reconhecer a EA como tema transversal que pode ser abordada em todas as disciplinas, pois ao mesmo tempo que pode ser discutida por todos, acaba que muitas vezes, por não ter uma disciplina específica, ela não é desenvolvida por nenhuma das áreas. Por conta disso, proponho utilizar a Educação Ambiental articulada, principalmente com a Geografia, como tentativa de valorizar a cultura açoriana em São José.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

A intenção deste artigo foi fazer um levantamento sociocultural sobre a cultura da produção cerâmica nas olarias no município de São José-SC e então propor uma sequência didática relacionando a Educação Ambiental e a cultura, voltada para os estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental II, em que uma das etapas é desenvolvida na Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros, com intenção de valorizar um patrimônio imaterial², evidenciando a cultura açoriana no município, com o objetivo de apresentar aos alunos uma profissão artesanal que quase não é lembrada no município de São José.

Essa proposição foi construída com o objetivo de valorizar essa cultura

² Patrimônio imaterial é algo que permeia a sociedade de forma intangível, como festividades, o saber passado de forma oral entre outras formas de expressão, e neste caso a profissão/ofício do oleiro. Já o patrimônio material, está relacionado com algo físico e tangível, como uma edificação, um monumento entre outros símbolos, e neste caso a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros.

açoriana que foi muito importante para a economia do município, empregando os moradores na venda e confecção das cerâmicas produzidas nas olarias, gerando o título de Capital da Louça de Barro, e que vem perdendo espaço para a produção industrial, instigando nos estudantes o interesse em conhecer mais a arte da olaria.

Para alcançar esse propósito, foi indispensável utilizar dos ensinamentos da Educação Ambiental como tema transversal da educação, para desenvolver e refletir sobre temáticas como a cultura, sociedade e patrimônios, entre outros tantos temas que a EA aborda.

1.1.2 Objetivo específico

Para alcançar esse objetivo, as etapas utilizadas foram:

- Pesquisar sobre como a cultura açoriana da olaria impactou o município de São José.
- Discutir sobre como a prática artesanal da cerâmica vem sendo substituída pela produção industrial desses artefatos.
- Construir uma sequência didática para turmas do 7º ano do Ensino Fundamental II na Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros, para que os professores da Educação Básica possam utilizar, a fim de valorizar a cultura açoriana no município de São José e relacionar a Educação Ambiental nas etapas da sequência.

2 DESENVOLVIMENTO

Para contextualizar esta pesquisa, trago o conceito de Educação Ambiental do autor Marcos Reigota (2014), em que o autor afirma que:

A Educação Ambiental como educação política é por princípio: questionadora das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; e crítica muito crítica, em relação aos discursos e às práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentes e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturais e sociais da falta de ética (REIGOTA, p.15, 2014).

Desta forma, busco relacionar a prática tradicional da olaria como uma forma de trabalhar a Educação Ambiental, a cultura e o pertencimento dos oleiros nos locais de São José em que a profissão se instalou e prosperou.

Como a profissão de oleiro progrediu e era fonte de sustento de muitas famílias, as olarias eram vistas como um local que trazia a sensação de pertencimento para esses trabalhadores.

Entendo o sentimento de pertencimento através do conceito de Lugar trabalhado pelo autor Yi-Fu Tuan e sendo dividido em dois viés, a Topofobia e a Topofilia. O primeiro consiste em sentimentos negativos, memórias não tão boas de determinado local, já a ideia Topofilia, para o autor, seria,

[...] um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada (TUAN, p. 107, 1974).

Logo o lugar pode ser um recorte espacial carregado de sentimentos e significados para os seres humanos, para os oleiros, as olarias poderiam ser repletas de sentimentos bons e de pertencimentos e herança de gerações passadas (TUAN, 1974).

Segundo a autora Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira (2015), para entendermos a configuração espacial no litoral catarinense e o fim que tomou o ramo das olarias no último século, é necessário revisitar o passado, suas heranças e

seus marcos históricos, a fim de entender as ações que levaram a essas mudanças na espacialidade atual.

Por essa razão, ao analisar a nova dinâmica socioespacial vigente, faz-se necessário levar em conta as origens dessa formação num esforço para identificar em que medida as heranças do passado facilitam ou inibem as mudanças, bem como levantar os elementos capazes de explicar rupturas e continuidades registradas ao longo desse processo, tendo o cuidado de interpretá-lo inserido em um contexto mais amplo, qual seja, o da evolução das forças produtivas e suas repercussões locais (PEREIRA, 2015, p. 556).

A trajetória da olaria no município de São José teve seu início com a vinda dos casais açorianos, provenientes do arquipélago de Açores, para povoar o litoral de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul no século XVIII. Essas famílias tinham como objetivo arrecadar riquezas para a coroa portuguesa e dominar e proteger o território português de uma possível invasão da coroa espanhola (que disputava o domínio dessas terras). Neste contexto, entendo o território como um recorte do espaço geográfico repleto de dominação e manifestações de poder, nesse caso, por parte da coroa portuguesa (SANTOS, 1998).

Sendo assim, a vinda dos açorianos foi um marco para Santa Catarina e com eles vieram também suas culturas, hábitos, habilidades manuais e profissões, como a olaria que migrou junto com a população açoriana. São José da Terra Firme, como era chamado o município na época, tornou-se um povoado em 26 de outubro de 1750, abrigando os açorianos que migraram, mas a olaria e seus profissionais só tiveram sua primeira aparição em 1817, em um documento oficial que tivemos acesso,

quando se deu a publicação do primeiro registro sobre uma indústria de louça de barro. O proprietário: Manuel Furtado, açoriano da Ilha de São Miguel e provavelmente o primeiro oleiro vindo do arquipélago português para o município catarinense (STROPASOLAS; GUIDOTTI, 2016, p.1).

O município de São José era conhecido por ser a Capital da Louça de Barro, isso porque tinha-se uma abundância da matéria prima utilizada, o barro. A concentração das olarias em São José era no bairro Ponta de baixo, de onde se tinha um fácil acesso para o mar e a possibilidade de transportar os produtos em embarcações. Esse escoamento através do mar, facilitava a comercialização das peças já que os oleiros não possuíam um local adequado para comercializar sua arte e seus produtos em São José e precisavam ir até a Ilha de Santa Catarina, para

vender as peças de cerâmica no mercado público de Florianópolis (Figura 2), na época ainda Desterro. Até pensava-se em construir um mercado público em São José para que os oleiros locais pudessem exibir suas peças, mas o projeto nunca foi tirado do papel.

Figura 2 - Oleiros de São José vendendo suas cerâmicas em Florianópolis



Fonte: LIMA, 1998.

2.1 VALORIZAÇÃO DA ARTE DAS OLARIAS AÇORIANAS EM SÃO JOSÉ

No curta-metragem, Tatá: o oleiro, os oleiros contam como é difícil continuar com a profissão de oleiro, sendo que a concorrência de produtos industrializados de fábricas de cerâmicas é muito grande.

O ofício de oleiro foi um ensinamento passado oralmente nas olarias, de geração em geração, essa forma de transmissão de conhecimento é entendida como patrimônio imaterial da sociedade, a partir do Livro de Registro de Bens do Patrimônio de Natureza Imaterial de São José como “O Ofício e o Saber do Oleiro”, de 2015.

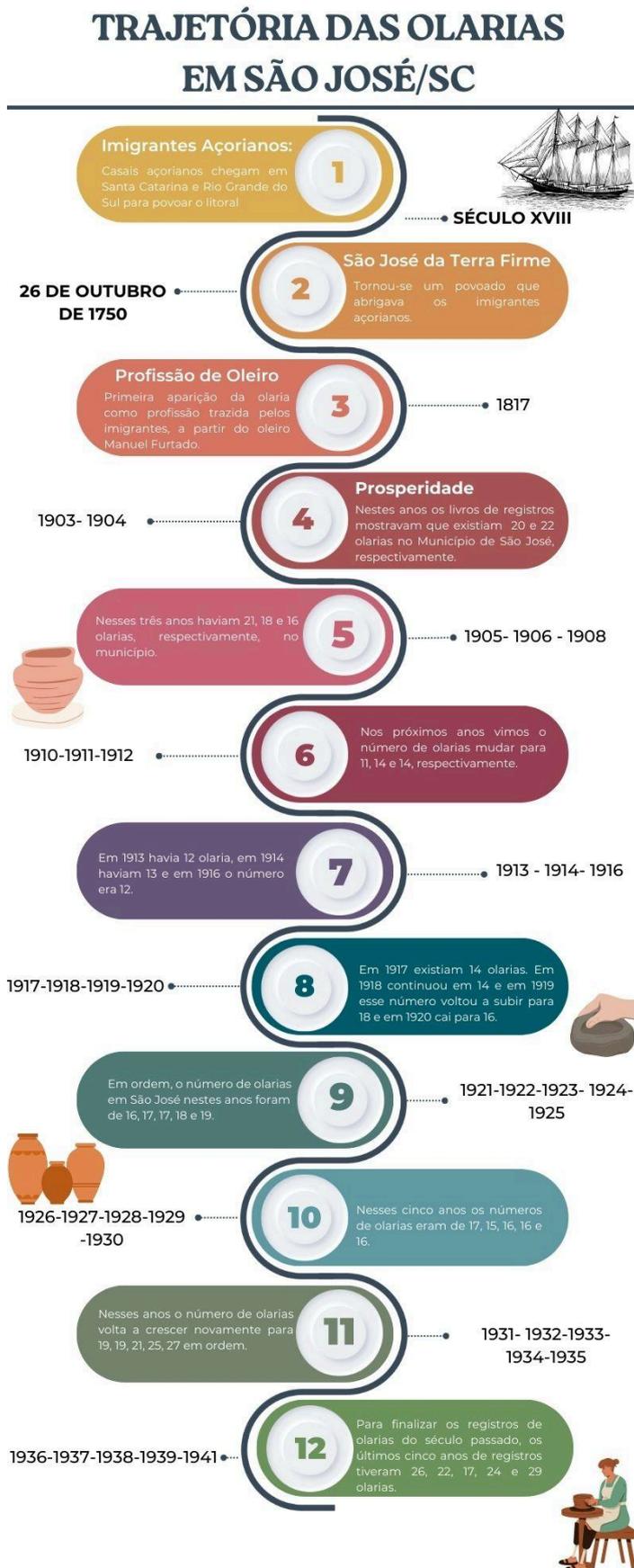
Por conta disso, as antigas fábricas de louças de barro eram familiares e de pequena produção. Já no cenário atual, com as peças de cerâmicas de fábricas sendo vendidas a um preço muito mais baixo que as peças artesanais, os oleiros precisam colocar seus produtos a um preço baixo para tentar competir com os industrializados, e isso dificulta se manter com a profissão de oleiro, pois grandes fábricas de cerâmicas lideram o mercado de louças e outros utensílios, mas nem sempre foi assim. Lima (1998) traz dados de quando os cidadãos de São José sobreviviam com a profissão de oleiros, com a prática da cerâmica artesanal.

Retirados do Livro de Impostos sobre Comércio e Profissão (Lima, 1998), os dados coletados pela autora vão de 1903 até 1941. Com esses números podemos perceber o período em que os produtos provenientes do artesanato da olaria estavam em alta e após esse período começa o declínio da profissão e da valorização das peças artesanais.

A autora Lima (1998), traz que o número de olarias no município de São José, em 1903, era de 20 olarias e, a maior concentração era no bairro chamado Costeira da Ponte com cinco olarias. Acredita-se que esse bairro, atualmente, é o bairro da Ponta de Baixo, pois esse nome só começa a aparecer nos livros após 1915, no mesmo ano que o nome Costeira da Ponte desaparece dos livros. Entre altos e baixos durante os anos que sucederam, o período que teve menos olarias em São José, que abrange o levantamento da autora, foi em 1910, com 11 olarias (LIMA, 1998).

A década de 1920, inicia-se com 16 olarias no município de São José e termina também, com 16 olarias, sendo o bairro Ponta de Baixo o que liderava a concentração de olarias. A partir da década de 1930 os números aumentam consideravelmente, tornando-se a melhor década do último século para o comércio de peças de cerâmicas artesanais. Em 1931, havia 19 olarias e, em 1941 em seu auge, o município teve 29 olarias. A linha temporal (Figura 3) a seguir é um levantamento de dados das olarias que existiram no município de São José durante o período de registros, exposto no Livro de Impostos sobre Comércio e Profissão (LIMA, 1998).

Figura 3: Linha temporal das olarias de São José entre os anos 1903 e 1941



Entre a década de 1930 e 1970, os governantes que passaram pelo poder, tiveram a preocupação de desenvolver o país industrialmente, economicamente e socialmente, para isso foi implantado o sistema rodoviário para integrar o Brasil e chegar nas áreas mais remotas e desenvolvê-las industrialmente, conseqüentemente, as áreas mais remotas eram onde ficavam os núcleos coloniais (PEREIRA, 2015). Por conta desse salto de industrialização, as olarias, assim como outras áreas do comércio artesanal e de pequena produção foram afetadas.

A partir desse período começa o declínio das olarias e a substituição de peças artesanais por peças industrializadas feitas em larga escala e até mesmo produtos importados de países como a China. Em decorrência disto, as olarias foram desaparecendo e os oleiros ficaram sem sua profissão, perdendo o seu lugar estabelecido, como Lima traz: “a atividade oleira existindo numa época onde aquele ofício e os objetos produzidos eram portadores de um lugar próprio.” (LIMA, 1998, p. 8).

Essa visão faz uma relação com os depoimentos dos cinco oleiros que contam no curta metragem Tatá - O Oleiro, em como é difícil continuar com a profissão de oleiro, sendo que a concorrência de produtos industrializados de fábricas de cerâmicas é muito grande. Como as peças de cerâmicas de fábricas são vendidas a um preço muito mais baixo que as peças artesanais, os oleiros precisam colocar seus produtos a um preço baixo para tentar competir com os industrializados, e com isso, dificulta se manter com a profissão de oleiro.

O impacto da industrialização nas olarias foi tão intenso, que atualmente restam pouquíssimas olarias no município de São José, gerando uma mudança visível da paisagem, que por décadas quem passasse próximo ao centro histórico, no bairro da Ponta de Baixo ou até mesmo em outros bairros ao entorno, conseguia visualizar placas indicando que havia uma olaria nas proximidades,

O ser oleiro tornou-se uma profissão difícil de garantir o sustento, pois foi uma profissão intensamente desvalorizada e substituída ao longo dos anos e que influenciou e influencia no esquecimento da cultura artesanal da olaria. Segundo a autora Silva, “A perda da vitalidade resulta também na perda dos saberes. A falta dos rituais, das festas, do encontro, interfere na manutenção do patrimônio imaterial.” (SILVA, 2006, p.152), desta forma, a Educação Ambiental entra como uma tentativa de manter as memórias da sociedade e das experiências adquiridas a partir dessa tradição. Logo, nessas associações podemos considerar a olaria como

profissão, como um desses patrimônios imateriais, assim como festas e rituais e estar na escola propicia a garantia de acesso a esse patrimônio e para isso, em uma tentativa de valorizar a cultura açoriana, surgiu a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros, que atua em prol da manutenção dessa prática e que hoje o prédio é considerada patrimônio cultural da sociedade.

2.2 ESCOLA DE OLEIROS JOAQUIM ANTÔNIO DE MEDEIROS

No dia 30 de novembro de 1992, foi fundada pela Prefeitura Municipal de São José, a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros, localizada no bairro Ponta de Baixo, em São José. Essa é a única escola de olaria da América Latina construída com o propósito de valorizar e oportunizar o saber e compreender uma herança cultural, um símbolo da cultura açoriana no município de São José (SÃO JOSÉ, 2023).

O autor Denis Cosgrove (2004), da Geografia Cultural diz que, “Para compreender as expressões impressas por um cultura em sua paisagem, necessitamos de um conhecimento da “linguagem” empregada: os símbolos e seu significado nessa cultura.” (COSGROVE, 2004, p. 105). Ou seja, para conhecer as marcas e vestígios deixados pelos antepassados, vindo do arquipélago dos Açores, é necessário observar, sentir e experienciar o modo com que comunicavam a sua cultura.

A construção (Figura 4) no qual funciona a escola de oleiros antes era o local de uma olaria tradicional de São José e hoje a escola recebe o nome do proprietário da olaria, hoje já falecido. A escola também é tombada como Patrimônio Cultural de São José, pelo Decreto Municipal nº 18.700/2005 (SÃO JOSÉ, 2005).

Figura 4 - Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros



Fonte: Prefeitura Municipal de São José, 2022.

Para participar das aulas gratuitas na Escola de Oleiros é necessário participar do edital público disponibilizado pela Prefeitura de São José, no início do ano. Os cursos são ministrados duas vezes na semana e conta com três turmas: Roda de Oleiro, Curso de Modelagem Diversa e Curso de Modelagem Figurativa. A idade permitida para participar das aulas é a partir de nove anos para o Curso de Figurativa e a Diversa e 16 anos para a Roda de Oleiros (SÃO JOSÉ, 2023).

Atualmente, quem passa pelas ruas do bairro de São José, observa e compara a quantidade de placas de olarias que existiam e as que existem agora na região. Até mesmo, se buscarmos “olarias em São José” no *Google*, irão aparecer números muito inferiores aos do século XX. Isso acontece pois como vimos no levantamento histórico e como aparece também no curta metragem, a profissão de oleiro vem desaparecendo.

A Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros é uma estratégia para manter a memória da cultura açoriana da olaria viva, impedindo que essa prática desapareça e oportunizando para as novas gerações o conhecimento sobre o assunto. Por conta disso, em São José existe a Lei nº 5.101, criada em 04 de julho de 2011, que concebeu o projeto “Conhecer São José”. Esse projeto visa que os estudantes da rede de ensino do município visitem locais como, o Centro Histórico, a Prefeitura, a Escola do Mar, a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros,

Escola do Meio Ambiente e outros locais que são importantes para São José (SÃO JOSÉ, 2011).

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos realizados nesta pesquisa consistiram em, primeiro, realizar uma pesquisa bibliográfica e documental sobre importância cultural das olarias no município de São José e como, com o passar dos anos, a presença da produção industrial afetou a prática das olarias neste município.

O segundo passo consistiu em analisar a pesquisa acima com os conteúdos acerca da formação e transformação do território do Brasil, cultura e modificações do trabalho, assim como os fluxos migratórios e a distribuição da população pelo Brasil, temas abordado no 7º ano do Ensino Fundamental II, orientados pelas habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Habilidade 2 do 7º ano do Ensino Fundamental em Geografia (EF07GE02), Habilidade 4 do 7º ano do Ensino Fundamental em Geografia (EF07GE04), Habilidade 8 do 7º ano do Ensino Fundamental em Geografia (EF07GE08) (BRASIL, 2018, p. 387).

Por fim, foi elaborada uma sequência didática, para que os professores da Educação Básica de diferentes níveis de ensino possam utilizar, que consta com a proposta de uma saída de campo para a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros. Trabalhar com uma saída de campo, se fundamenta como um dos seus pilares, na Política Nacional de Educação Ambiental que explicita em seus objetivos no artigo 5º, primeiro parágrafo “o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;” (BRASIL, 1999).

Além da Política Nacional de Educação Ambiental, outro documento que resguarda a noção de utilizar o espaço e os ensinamentos da escola de oleiros como local propício para fazer Educação Ambiental são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (2012). Esse documento traz a importância de se valorizar a natureza, mas também a parte sociocultural da EA em seu artigo 3º:

A Educação Ambiental visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental, e a proteção do meio ambiente natural e construído (2012).

Ainda no documento que rege as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (2012), temos o artigo 6º, que mostra em seu texto que temas como consumo, produção e trabalho também fazem parte da EA

A Educação Ambiental deve adotar uma abordagem que considere a interface entre a natureza, a sociocultura, a produção, o trabalho, o consumo, superando a visão despolitizada, acrítica, ingênua e naturalista ainda muito presente na prática pedagógica das instituições de ensino (2012).

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi a bibliográfica e documental de cunho etnográfico, pois a pesquisa e a temática possuem um grande viés cultural, exemplificado na proposta de sequência didática como prática educativa com estudantes do 7º ano no Ensino Fundamental II.

Para compreender o teor cultural e social do trabalho, foi levado em consideração os fundamentos da pesquisa etnográfica, descritas pela autora Mattos (2011), como sendo “a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades” (MATTOS, 2011, p. 53). Além disso, a autora reflete que a pesquisa etnográfica tem como objetivo observar um grupo de pessoas no seu cotidiano, percebendo seus hábitos, costumes e seus comportamentos, para que então faça-se uma análise e uma documentação dessas percepções (MATTOS, 2011).

Outro conceito utilizado, é o conceito geográfico de lugar, na qual, a compreensão que mais se aproxima da minha leitura de lugar, é o descrito pelo autor Yi-Fu Tuan (1974). O autor divide a categoria lugar em dois opostos, topofilia e topofobia, o primeiro, que será trabalhado diz que o lugar é um recorte espacial carregado de sentimentos e significados para os seres humanos, dessa forma para os oleiros, as olarias poderiam ser repletas de sentimentos bons e de pertencimentos.

4 CONSTRUÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DA CERÂMICA ARTESANAL EM SÃO JOSÉ/SC

A Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros em São José, que representa um aspecto da cultura açoriana, é extremamente importante para o município. Através dela podemos trabalhar a Educação Ambiental, além de articular sobre o papel social e cultural que a olaria traz para o município. Além disso, é uma forma de refletir com os estudantes sobre a Educação Ambiental nas nossas escolhas e em como elas afetam a sociedade e o espaço geográfico de um local. Pensando nesses pontos, delineamos uma sequência didática que abrangesse os três principais temas dessa pesquisa: Educação Ambiental, cultura e as olarias em São José.

Essa sequência didática está organizada em três etapas: a primeira etapa será realizada em sala de aula e consiste em apresentar e aprofundar o conteúdo sobre a colonização do Brasil, apresentando os diferentes povos que vieram para o Brasil e para o Município de São José, considerando os conhecimentos e cultura existente; mas que neste momento frisando a vinda dos portugueses do arquipélago de Açores. Depois será abordado a formação territorial do Brasil, até os fluxos migratórios que transformaram o ambiente, e a regionalização que se deu posteriormente. Além disso, é necessário abordar como o período de industrialização do Brasil e o surgimento de peças de vidro, de alumínio e da própria cerâmica industrializada, afetou a produção da cerâmica artesanal produzida pelas olarias.

A segunda etapa da sequência didática é a visita na Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros, com a finalidade de conhecer como são feitas as peças de cerâmicas artesanais, conhecer a história da escola e as pessoas que fazem parte do projeto que dão continuidade a essa prática tradicional no município de São José e produzir peças de cerâmica participando da oficina oferecida pela escola aos visitantes. Para que a visita seja melhor aproveitada pelos estudantes e que eles possam tirar as dúvidas que surgiram durante a abordagem dos temas da olaria, sugiro que seja solicitado a turma que pensem em questionamentos para fazer na visita a Escola de Oleiros e que anotem essas perguntas/dúvidas e reflexões e levem no dia da saída de campo.

A terceira etapa da sequência didática é dividida em dois momentos, o primeiro passo é a roda de conversa com as principais impressões que os estudantes tiveram após a visitação na Escola de Olaria e como podemos relacionar as olarias e a cerâmica artesanal com a Educação Ambiental.

Para finalizar a sequência didática, no segundo momento da terceira etapa será a construção da mostra pedagógica na escola, onde os estudantes vão expor as peças produzidas por eles na Escola de Oleiros, enquanto explicam para os outros estudantes da escola, a importância da olaria para o município de São José e sua conexão com a Educação Ambiental.

4.1 COMPONENTES DA METODOLOGIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E OLARIA COMO OPORTUNIDADE DE PRÁTICA EDUCACIONAL

Tema: Educação ambiental através de uma sequência didática visando a preservação do patrimônio imaterial do Ofício dos Oleiros em São José.

Local: Escola de origem dos estudantes e Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros.

Ano/turma: 7º ano do Ensino Fundamental II (podendo ser adaptada para outros anos e níveis de ensino).

Áreas do conhecimento: Formação territorial do Sul do país, Educação Ambiental Crítica e emancipadora, Cultura do município de São José.

Materiais/Recursos: Mapas temáticos sobre o Brasil (mapas que mostram a divisão do território da época da colonização, mapas sobre os fluxos migratórios que adentraram o Brasil, e mapas da distribuição da população imigrante no território; Gráficos que mostram a progressão das olarias em São José; Projetor (para mostrar a transformação da paisagem a partir de fotos que retratam como eram as antigas cerâmicas feitas à mão por oleiros e como são produzidas as cerâmicas por grandes fábricas atualmente; Materiais diversos (cartolinas, canetinhas, lápis, régua, guache e outros) para produzir um local adequado para a exposição na mostra pedagógica da escola. Vale se atentar para a organização do espaço da mostra pedagógica, colocando mesas sem inclinação para exposição do material, etiquetar/identificar as peças expostas, disponibilizar textos sobre o conteúdo da exposição que apresenta o que se está mostrando e história por trás da exposição. Além de produzir um breve

material de leitura prévia para os outros docentes da escola, a fim de prepará-los para o que será articulado na mostra pedagógica.

Conceitos: Território, Migração, Imigrante, Lugar (Topofilia e Topofobia), Ambiente, Educação Ambiental, cultura local e olarias e cerâmicas.

Problematização: A problematização dessa sequência é o fato de que a tradição da cultura açoriana da olaria vem se perdendo conforme o passar do tempo. As gerações mais novas não conhecem e por vezes nunca ouviram falar de peças de cerâmicas artesanais que foram (em outros tempos) o centro da cultura que vivem, quanto mais na potência que é criar um utensílio com as próprias mão e o torno³.

Objetivo de aprendizagem: Oportunizar a ida na Escola de Oleiros para que os estudantes conheçam o objeto de estudo (a cerâmica artesanal), a fim de criar consciência acerca das características, do impacto e da importância de uma profissão que há muitos anos fez São José ser considerada a Capital das Louças de barro. Além disso, conhecer a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros serve para valorizar essa profissão e entender a importância que os territórios das olarias tinham para as famílias que desenvolviam essa prática.

Quadro 1 – Cronograma da Sequência Didática

ETAPA	DURAÇÃO	LOCAL
1ª Etapa	3 aulas de 45 minutos.	Escola de origem dos estudantes.
2ª Etapa	MOMENTO 1 - Introdução 2 aulas de 45 minutos. MOMENTO 2 - Saída de campo 3 aulas de 45 minutos.	Introdução: escola de origem dos estudantes. Saída de campo: Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros.
3ª Etapa	MOMENTO 1 - Roda de conversa 1 aula de 45 minutos. MOMENTO 2 - Organização da mostra	Escola de origem dos estudantes.

³ Torno de olaria ou também conhecido como roda de oleiro, é o instrumento utilizado para criar as cerâmicas artesanais. Para isso, é colocado em cima do torno a argila que será trabalhada para criar uma peça. O torno pode ser elétrico ou manual, sendo controlado pelos pés do ceramista.

	<p>pedagógica. 2 ou 3 aulas de 45 minutos. Mostra pedagógica: um período conforme a organização da escola para esse momento.</p>	
--	---	--

Fonte: SOUSA, 2024.

Avaliação de aprendizagem: Como sugestão, a avaliação será feita em três etapas:

1- Durante a primeira parte da sequência didática, quando os temas de formação e regionalização do Brasil estiverem sendo trabalhados, será avaliado a participação do estudante na construção do conhecimento pelas atividades solicitadas, atividades avaliativas, e trabalhos complementares da disciplina sobre o assunto. Além disso, caso exista a possibilidade de executar essa sequência didática em parceria com professores de outras disciplinas, a avaliação pode ser coletiva, contemplando diversos temas trabalhados pela Geografia, Arte, História, Língua Portuguesa e outras.

2- Na segunda etapa da sequência didática, durante a visitação da Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros, será avaliado o envolvimento do estudante no lugar e pela prática da olaria, assim como o aspecto investigativo da turma questionando sobre a prática descoberta.

3- Na terceira etapa da sequência didática, durante a mostra pedagógica da escola, será avaliado a apresentação breve dos temas da Educação Ambiental ligada à cultura açoriana dos alunos do 7º ano para os outros estudantes da escola. Assim como a explicação das peças de cerâmicas que eles fizeram na Escola de Oleiros e a experiência que tiveram.

4.2 TRILHANDO AS ROTAS DA CULTURA AÇORIANA E DAS OLARIAS, COM FOCO NA ESCOLA DE OLEIROS JOAQUIM ANTÔNIO DE MEDEIROS

1ª ETAPA

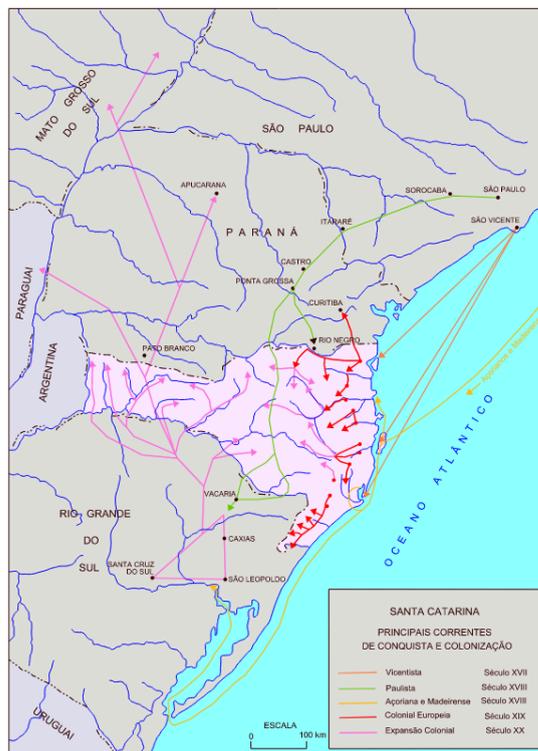
A sequência didática inicia-se com a abordagem do conteúdo sobre a formação territorial do Brasil, depois disso falaremos sobre fluxos migratórios e a

distribuição da população e com ela a de diferentes culturas trazidas pelos imigrantes, inclusive a açoriana, tratada nesta pesquisa por meio das olarias. Essa temática é contemplada na BNCC, nas aulas da disciplina de Geografia para o 7 ano do Ensino Fundamental II, a partir das habilidades (EF07GE02) e (EF07GE04).

A habilidade 2 trata-se de “Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas” (BNCC, 2018). Em sala de aula, durante esse momento da sequência didática, os mapas temáticos devem ser utilizados para contextualizar e demonstrar as rotas e a chegada dos imigrantes portugueses no Estado de Santa Catarina. Um exemplo de mapa (Figura 5) que pode ser utilizado nesse momento é o das rotas de chegada dos colonizadores da Europa e inclusive os Açorianos, em Santa Catarina.

Figura 5: Rotas de chegada dos Açorianos em Santa Catarina e principais colonizações do século

XVII

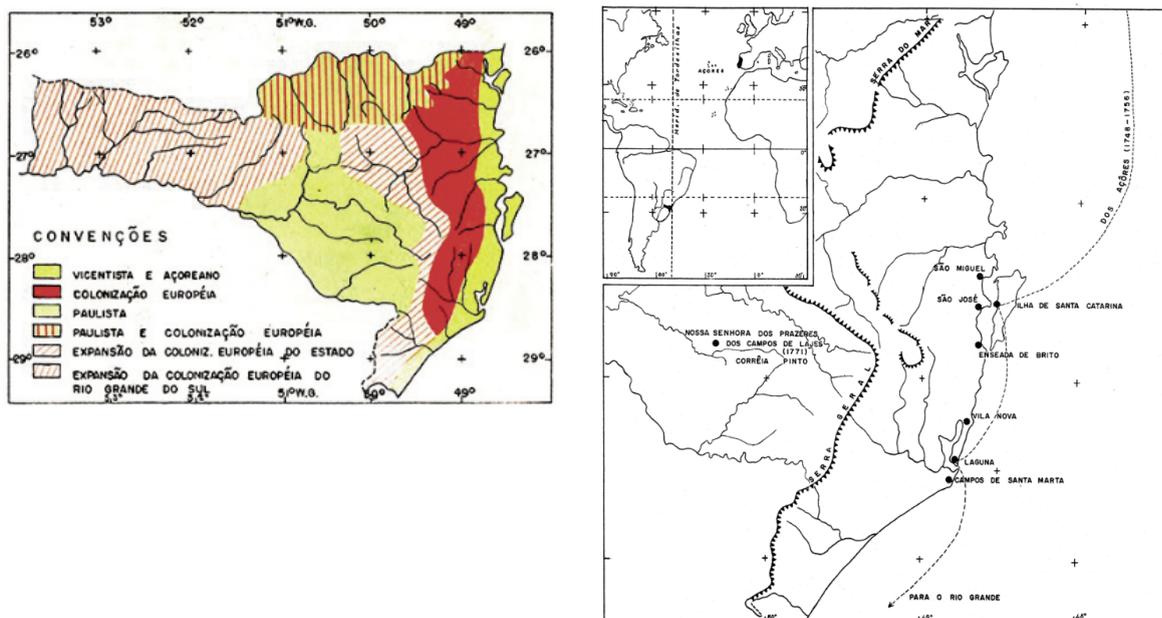


Fonte: Atlas Geográfico de Santa Catarina, 2019.

A habilidade 4 traz como objetivo “Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões

brasileiras” (BNCC, 2018). Contemplando essa habilidade é necessário trabalhar a formação dos primeiros redutos portugueses em Santa Catarina e para isso, também podemos utilizar mapas temáticos (Figura 6), como os seguintes mapas retirados do Atlas Geográfico de Santa Catarina (2019).

Figura 6: Diferentes colonizações do Estado de Santa Catarina e redutos portugueses, incluindo São José



Fonte: Atlas Geográfico de Santa Catarina, 2019.

É necessário trabalhar com os temas, englobados por essas habilidades da BNCC, para que possamos contextualizar com os estudantes as consequências da vinda dos portugueses do Arquipélago dos Açores, para o litoral do Estado e conseqüentemente, São José. Além disso, esse é um assunto essencial para a Geografia, já que a ciência estuda e analisa a movimentação das pessoas pelo mundo.

Além disso, os fluxos migratórios, dado pela movimentação das pessoas no globo, deu origem a globalização, tanto de ideias, como de pessoas e suas culturas, e por fim a Geografia também analisa como a migração dessas pessoas transformou a vida e a paisagem dos locais, trazendo sua identidade, hábitos e tradições para os locais onde se estabeleceram.

É importante lembrar que, apesar do Município de São José ter em sua história e em seus símbolos uma forte presença da cultura europeia e de a cerâmica

artesanal aparecer com mais intensidade nas olarias açorianas, é necessário entender que existem outros tipos de influências e de cerâmicas artesanais. Os indígenas que aqui viviam já possuíam a cultura das cerâmicas, havendo uma mistura desta cultura após a chegada dos europeus e africanos com suas diferenças culturais e artes de desenvolverem a cerâmica. Também é preciso fazer uma reflexão com os estudantes, de que a cultura das olarias não está diminuindo/desaparecendo somente em São José, mas sim globalmente, a partir do aumento de produtos industriais e que nem por isso a cultura açoriana será esquecida, pois ela possui outras representações espalhadas pelo município, pelo Estado de Santa Catarina e pelo Brasil como um todo, desde a época da colonização.

O objetivo da primeira etapa é analisar com os estudantes a mudança dos meios de produção, e como o surgimento das indústrias de cerâmicas interferiram no desaparecimento das olarias que produziam as cerâmicas artesanais, e também sobre as mudanças ocorridas na paisagem da região por conta desse desaparecimento. Esse tópico é contemplado nessa sequência didática pela habilidade de número 08 da BNCC do 7º ano do Ensino Fundamental II, que traz “Estabelecer relações entre os processos de industrialização e inovação tecnológica com as transformações socioeconômicas do território brasileiro” (BNCC, 2018).

Nesse momento seria interessante que os estudantes pudessem visualizar, ao invés de apenas escutar o professor e imaginar o processo de substituição de uma cerâmica artesanal para recipientes de outros materiais como vidro ou até mesmo de cerâmica industrial. Para isso, a sugestão é utilizar vídeos que mostram o processo industrial de louças e artefatos de cerâmica e também de outros materiais.

Esses vídeos podem ser da confecção de cerâmica industrial, de vidro, de alumínio e outros materiais. Alguns exemplos, disponíveis no *Youtube* são: **Como é Feita a Louça de Cerâmica | Por Dentro da Fábrica** (ATOM STUDIOS, 2022), esse vídeo de 8 minutos e 9 segundos, mostra como é o processo de fabricação de uma peça de cerâmica industrial, desde o preparo da argila até a última queima para finalizar a peça. Diferente do que é possível assistir no curta metragem **Tatá - O Oleiro**, nesse vídeo a criação de uma cerâmica é feita com o auxílio de máquinas e moldes que facilitam e aceleram o processo de confecção, além de padronizar as peças. Outra diferença vista é a linha de produção utilizada na fábrica, que conta com várias pessoas exercendo funções diferentes.

Outro vídeo que pode ser utilizado é, **Processo de produção em massa de copos de vidro. Fábrica de vidro coreana de 30 anos** (PROCESS K, 2023), esse vídeo possui 8 minutos e 4 segundos e fala sobre a produção de copos e xícaras de vidro, e é possível utilizá-lo para problematizar a substituição das peças de cerâmicas artesanais por peças de outros materiais. Nesse caso, é interessante evidenciar duas coisas, a primeira é a rapidez com que é produzida uma peça de vidro, pois mais uma vez temos muitas pessoas trabalhando na linha de produção e várias máquinas, que trabalham muito depressa. Outro ponto a se destacar aqui, é a globalização dos produtos de outros países e a constante competição que os produtores nacionais precisam passar para que seus produtos não sejam trocados pelos de outros países.

É pertinente falar sobre isso, nesse momento da sequência didática, porque esse é um vídeo que se passa em uma fábrica coreana e cada vez mais vemos a globalização de produtos, culturas e conhecimentos. Além disso, vale frisar para os estudantes que o oleiro, que produz peças artesanais, com o advento das peças industriais, passa a competir com as peças produzidas em fábricas de cerâmicas artesanais e também as fábricas de outros materiais, dentro do território de seu país e também mundialmente, pois com o advento da globalização e do sistema capitalista, as peças, as informações, o conhecimento, e as pessoas atravessam as fronteiras de seus próprios países e de seus continentes.

Por último, o vídeo **Produção Louça** (TVE UPGE, 2019), apesar de ser curto com uma duração de apenas 1 minuto e 52, ele mostra uma fábrica de cerâmica do Estado do Paraná que produz cerca de 1 milhão e 200 mil peças de cerâmica mensalmente e no vídeo podemos ver as máquinas fazendo os cortes e detalhes na louça o que permite uma grande padronização, diferente do que é visto em cerâmicas artesanais, pois cada etapa da produção é feita, na maioria das vezes, por uma única pessoa do início ao fim da produção, tornando-a uma peça única. Além disso, no vídeo apresenta-se uma feira de cerâmica, onde várias fábricas de cerâmicas participam, mostrando como esse setor da economia se tornou grande e expressivo, desbancando os produtores artesanais.

É importante frisar que desde o advento da Revolução Industrial, a produção em massa de produtos e nesse caso da cerâmica industrial e dos artefatos industriais de outros materiais como alumínio, inox plásticos e vidro, impacta diretamente no meio ambiente e não somente na profissão dos oleiros que fazem a

cerâmica artesanal. Os resíduos descartados nas fábricas de cerâmica industrial, de vidro, alumínio e outros materiais que são produzidos em massa, impactam de forma mais drástica o meio ambiente do que a produção artesanal da cerâmica.

Na contramão dos vídeos de produção industrial, esse seria o momento de mostrar o outro tipo de produção, a artesanal. Logo, o curta-metragem Tatá- O Oleiro, que instigou a realização dessa pesquisa, é uma opção para esse momento da sequência didática, pois além de mostrar a produção artesanal de artefatos de cerâmica artesanal e todas as suas etapas, mostra também um pouco da realidade das olarias e oleiros de São José e apresenta pessoas que ainda trabalham com essa profissão, cultivando a cultura açoriana no município. Nesse momento é válido destacar com os estudantes, as principais diferenças de um processo artesanal para o processo industrial e seus respectivos impactos ambientais, econômicos e culturais.

Além disso, é fundamental abordarmos os ensinamentos da Educação Ambiental, conectar e refletir sobre o fato de que os dois temas estão interligados nos seus princípios.

2ª ETAPA

Para introduzir a segunda etapa, o professor que irá realizar a sequência didática pode utilizar o Áudio Livro em Libras: Mulheres de São José em 10 Histórias (IFSC, 2021), produzido pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus São José, que têm como objetivo contar a história de 10 mulheres que foram muito importantes, de formas diferentes, para o Município de São José.

Este vídeo pode ser utilizado na temática dessa sequência didática, pois uma dessas mulheres apresentadas no vídeo é Marta Maria de Medeiros, filha de Joaquim Antônio de Medeiros, dono de uma tradicional olaria no bairro Ponta de Baixo em São José, onde hoje se localiza a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros.

Esse vídeo conta a história da infância de Marta e de como a olaria do seu pai impactou na sua vida. Como era mulher, não podia trabalhar com a cerâmica da mesma forma com que os homens faziam, mas mesmo assim ela possuía o sentimento de pertencer aquele lugar e aquela profissão e persistiu no desejo de poder se expressar através da sua arte com a cerâmica. Nesse momento, é

interessante trabalhar a questão de gênero, em relação a proibição das mulheres na utilização do torno, instigar nos estudantes a reflexão do motivo de só homens poderem exercer a profissão de oleiro, de poderem ocupar um determinado espaço (as olarias) e as mulheres, naquela época, não poderem.

Utilizando do vídeo que relata sobre a trajetória de Marta, esse é um momento para abordar o conceito de Lugar para o autor Yi-fu Tuan (1974), e exemplificar o significado que as olarias possuíam para as pessoas que nela conviviam, em como as olarias eram um local de Topofilia para essas pessoas, que cresceram e viveram trabalhando e ganhando o seu sustento e o da sua família produzindo peças de cerâmica artesanal. Para Marta a olaria era um local feliz, em que ela se realizava e se sentia bem, assim como era para diversas outras pessoas, entretanto, com o passar do tempo e os avanços industriais, as olarias, começaram a ser cada vez mais raras, afetando diretamente a vida dessas pessoas.

Para dar continuidade à segunda etapa da sequência didática, foi pensado na saída de campo com os estudantes para conhecermos a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros, localizada no bairro Ponta de Baixo no município de São José/SC. O intuito dessa saída de campo é para que os alunos pudessem experienciar como é o ambiente e o trabalho de um oleiro e as etapas de produção de uma cerâmica feita de modo artesanal. Para isso, a escola oferece um *tour* e também as oficinas, onde os estudantes podem aprender a manusear a argila, conhecer as etapas de produção de uma peça, e produzir peças de cerâmicas que poderão levar para a escola.

3ª ETAPA

O último passo desta sequência didática é compartilhar, refletir e analisar as impressões que os estudantes tiveram/sentiram nas oficinas realizadas na Escola de Oleiros. Para isso, pensamos em fazer uma roda de conversa com os alunos. Em um primeiro momento, deixá-los expressar livremente suas impressões e emoções a partir da experiência tida com a oficina. Depois disso, é interessante direcionar algumas perguntas a esses estudantes, como por exemplo:

- Quais diferenças vocês observaram no processo de confecção das peças feitas na escola de oleiros com o processo de fabricação das peças industriais que vimos nos vídeos em sala de aula?

- Como podemos relacionar as olarias e as peças artesanais com os princípios da Educação Ambiental?
- Como vocês imaginam o ambiente desta região na época em que São José era a capital da louça de barro?
- De que forma podemos contribuir para a manutenção da cultura açoriana através das olarias no nosso município?

Após o levantamento das observações dos estudantes, o último passo seria montar uma exposição das peças criadas por eles, na oficina que participaram na Escola de Oleiros, durante a saída de campo realizada na etapa 2 desta sequência didática. Essa exposição tem como objetivo abrir um espaço para que os estudantes que participaram da prática pudessem relatar para os demais estudantes da escola as suas percepções adquiridas com a conclusão da sequência didática, para que falassem sobre a história por trás das peças produzidas, da escola que eles visitaram e a importância que a olaria teve para o município de São José.

Além do tema das olarias e da exposição das peças de cerâmica, essa mostra pedagógica pode contemplar outros temas que abordam a Educação Ambiental na Geografia e também em outras disciplinas, sendo possível trabalhar em conjunto com outros professores e outras turmas. Uma possibilidade para diversificar, ainda mais a mostra pedagógica, trabalhando o princípio da interdisciplinaridade, seria convidar o professor/a de História para aprofundar sobre o período de colonização e outros aspectos culturais dos Açorianos; conectar com os estudos da disciplina de Arte, para abordar sobre os estilos, os formatos, as pinturas e expressões que podem ser contidas na cerâmica artesanal; a disciplina de Língua Portuguesa pode utilizar de contos da literatura que trazem aspectos da cultura açoriana e até mesmo das olarias, podendo ampliar para as outras disciplinas.

5 CONCLUSÃO

Essa pesquisa partiu da problemática de que as olarias como forma de expressão da cultura açoriana no município de São José estão desaparecendo conforme os anos estão passando. Como uma tentativa de reacender a memória da prática da cerâmica artesanal nas olarias, essa pesquisa teve como finalidade realizar uma pesquisa sobre as olarias que já existiram em décadas passadas no município e propor uma sequência didática que aborda os temas de cultura, sociedade, olarias e patrimônios imateriais a partir de uma prática voltada a Educação Ambiental, com saída de campo para a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros.

Para essa pesquisa foi preciso fazer uma contextualização sobre a formação e o povoamento do Brasil na época em que recebemos os imigrantes vindos dos Açores para Santa Catarina. A partir do conhecimento da vinda desses imigrantes e dos locais em que se estabeleceram, sendo o município de São José um desses locais, conseguimos compreender o início da implementação da cultura açoriana na região. Para isso, a utilização dos mapas do Atlas Geográfico de Santa Catarina foram fundamentais para exemplificar e materializar o conhecimento acerca da vinda dos açorianos e a instalação desses povos no nosso território. Outro documento essencial para abordar esses temas foi a Base Nacional Comum Curricular, que através das habilidades descritas, possibilitou a orientação deste conteúdo na sequência didática.

Ademais, os conhecimentos adquiridos nas disciplinas do curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase na formação de professores, e principalmente dos autores estudados, foram primordiais para o embasamento teórico e para orientar a melhor forma de trabalhar o tema de cultura açoriana por meio de uma sequência didática voltada para a Educação Ambiental como tema transversal, e também os documentos oficiais, como a Política Nacional de Educação Ambiental (1999) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (2012).

Os resultados obtidos nesta pesquisa possibilitaram a construção de uma sequência didática que aborda temas importantes para a educação e também para o município de São José, como a cultura açoriana, as olarias, o conceito de lugar, o pertencimento de um povo a um determinado local e a potencialidade da Educação

Ambiental de relacionar temas tão amplos.

Com o término desta pesquisa foi possível perceber que é possível trabalhar as formas da cultura açoriana presente em São José através da Educação Ambiental e de uma sequência didática que dê visibilidade para uma escola que vem tentando manter a prática da olaria viva e valorizada, trabalhando temas que já seriam abordados em sala de aula.

Almeja-se para que a sequência didática produzida possa vir a ser utilizada por professores da Educação Básica em suas docências, independente da disciplina, pois ela pode ser adaptada para vários conteúdos, utilizando a Educação Ambiental como fio norteador. Além disso, anseio que os estudantes de diferentes graduações e das próximas turmas da Especialização em Educação Ambiental com ênfase na formação de professores, do Instituto Federal de Educação, campus São José, possam se beneficiar das ideias refletidas nessa pesquisa e principalmente do planejamento da sequência didática.

Além disso, espera-se que a Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros receba mais visibilidade, valorização e também mais visitas de pessoas interessadas em dar continuidade em pesquisar sobre esse tema e interessadas em ajudar a dar continuidade a prática tradicional da olaria, a partir da publicação desta pesquisa. Deseja-se também que os estudantes que participarem da execução da sequência didática e da prática na Escola de Oleiros possam experienciar um pouquinho do que foi uma profissão fundamental para o desenvolvimento de São José e que garantiu o sustento de muitas famílias desde a chegada dos imigrantes açorianos no Estado de Santa Catarina.

Para finalizar é importante reiterar as contribuições da Educação Ambiental e da Geografia que possibilitaram a construção da sequência didática. Juntas elas facilitam contextualizar um período histórico, entender as relações territoriais de uma cultura, a miscigenação de povos e culturas e ferramentas que podem contribuir para a educação básica e para a visibilidade das olarias e da Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília, DF, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Brasília, DF, 1999.
- BRASIL. Lei N° 14.393 de Junho de 2022. **Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental, para instituir a Campanha Junho Verde**. Brasília, DF, 2022.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z (org). **Paisagem, tempo e cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2004.
- FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC. **Tatá - O Oleiro**. Direção de Elisa Schmidt, 2021. 1 vídeo (28 min). Santa Catarina: Fundação Cultural BADESC, 2021. Disponível em: <https://fundacaoculturalbadesc.com/blog/cineclube/documentario-tata-o-oleiro-estrea-na-fundacao-cultural-badesc/> Acesso em: 14 de agosto de 2024.
- HULK G. **Como é Feita a Louça de Cerâmica | Por Dentro da Fábrica**. [S.l.]: ATOM STUDIOS, 2022. 1 vídeo (8:09 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XqF5elrdOKk> Acesso em: 29 de julho de 2024.
- IFSC São José, **Áudio Livro em Libras: Mulheres de São José em 10 Histórias**. São José: IFSC, 2021. 1 vídeo (1:13:11 hr) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MTFr3MnFVFE> Acesso em: 14 de agosto de 2024.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- LIMA, M. A. **A Plasticidade dos Artefatos de Barro: Olarias e Oleiros de São José**. 1998. Dissertação de Mestrado. Grau de Mestre em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- MATTOS, C. L.G. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, C. L.G; CASTRO, PA. (orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. 21. ed. Campina Grande: EDUEPB, 2011. cap. 2, p. 49-84. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf> Acesso em: 09 de setembro de 2023.
- PEREIRA, R. M. F. A. Turismo e a dinâmica socioespacial do litoral de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, v. 9, n. 3,

setembro/dezembro. 2015. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1008>
Acesso em: 12 de agosto de 2024.

PROCESS K. **Processo de produção em massa de copos de vidro**. Fábrica de vidro coreana de 30 anos. [S.l.]: Process K, 2023. 1 vídeo (8:04 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=61TA7oWqgng> Acesso em: 29 de julho de 2024.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental ?**, 2. ed. Tatuapé, São Paulo: Brasiliense, 2014.

SÁ, J. C. Oleiros de São José: da tradição ao risco de extinção. **NDMAIS**, Florianópolis, 27 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/oleiros-de-sao-jose-da-tradicao-ao-risco-de-extincao/>
Acesso em: 22 de julho de 2024.

SÁ, J. C. 'Eu vou insistir', afirma último oleiro tradicional da Ponta de Baixo, em São José. **NDMAIS**, Florianópolis, 19 de março de 2023. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/eu-vou-insistir-afirma-ultimo-oleiro-tradicional-da-ponta-de-baixo-em-sao-jose/> Acesso em: 22 de julho de 2024.

SANTA CATARINA. Atlas geográfico de. **População – fascículo 3**. 2. ed. / Santa Catarina. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável. Diretoria de Desenvolvimento Urbano ; Isa de Oliveira Rocha (Org.) – Florianópolis: Ed. da UDESC.

SANTOS, M. **Território: Globalização e Fragmentação**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SÃO JOSÉ. **São José mantém viva a tradição da olaria com escola exemplo na América Latina**. Secretaria de Comunicação de São José. São José, 2022. Disponível em: <https://saojose.sc.gov.br/sao-jose-mantem-viva-a-tradicao-da-olaria-com-escola-exemplo-na-america-latina/26856/> Acesso em: 11 de setembro de 2023.

SÃO JOSÉ. **Reformada, Escola de Oleiros Joaquim Antônio de Medeiros retoma as atividades**. São José, 2015. Disponível em: <https://saojose.sc.gov.br/reformada-escola-de-oleiros-joaquim-antonio-de-medeiros-retoma-as-atividades/7619/> Acesso em: 11 de setembro de 2023.

SÃO JOSÉ. **Edital nº 006/ 2023 SMCT**. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. São José, 24 de abril de 2023. Disponível em: <https://saojose.sc.gov.br/wp-content/uploads/2023/03/Edital-n%C2%B0-006-2023-SMCT-Inscricoes-Escola-de-Oleiros.pdf> Acesso em: 22 de julho de 2024.

SÃO JOSÉ. **Lei Ordinária 5101 de 05 de Julho de 2011**. Cria o projeto “Conhecer São José” na rede municipal de ensino do município de São José e dá outras providências. Câmara Municipal de São José, 04 de julho de 2011. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a2/sc/s/sao-jose/lei-ordinaria/2011/511/5101/lei-ordinaria-n-5101-2011-cria-o-projeto-conhecer-sao-jose-na-rede-municipal-de-ensino-do-mu>

nicipio-de-sao-jose-e-da-outras-providencias?q=projeto+conhecer+s%C3%A3o+jos%C3%A9 Acesso em: 22 de julho de 2024.

SILVA, T. C. **Centro Histórico de São José (SC): Patrimônio e Memória Urbana.** 2006. Dissertação de Mestrado. Pós Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

STROPASOLAS, P. A; GUIDOTTI, F. G. Filhos do Barro: um olhar sobre o ofício da Olaria na pioneira São José - SC. *In: XXIII PRÊMIO EXPOCOM 2016 - EXPOSIÇÃO DA PESQUISA EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO*, 2016, Florianópolis. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/expocom/EX50-1731-1.pdf> Acesso em: 29 de julho de 2024.

THIOLLENT. M. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TUAN, Y. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina, Paraná: EDUEL, 1974.

TVE UPGE, **Produção Louça**, Ponta Grossa- Paraná: TVE UPGE, 2019. 1 vídeo (1:52 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xk7dX5VEfSY> Acesso em: 29 de julho de 2024